

Relações de patronato, redes de conhecimento e o Museu Paraense: o caso da *Lepidosiren paradoxa* (1895-1899)

Patronage relationship, networks of knowledge, and Museu Paraense: the case of Lepidosiren paradoxa (1895-1899)

Matheus Camilo Coelho | Universidade Federal do Pará

mcamilocoelho1@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0612-8091>

RESUMO O presente artigo visa compreender as múltiplas formas de atuação dos habitantes locais e a importância das redes de conhecimento e relações de patronato entre o Museu Paraense (MP) e membros da elite paraense no processo de construção e reconfiguração do conhecimento sobre a *Lepidosiren paradoxa*. Interessa-nos também aprofundar o conhecimento sobre as redes locais e atores usualmente apagados ou secundarizados que se encontravam fora dos laboratórios e gabinetes institucionais. Investigamos a participação de vaqueiros, políticos, agentes governamentais, proprietários de terra e cientistas no processo de coleta, identificação, circulação de espécimes e saberes, e na mediação cultural. Além disso, discute-se a importância das relações mantidas com a elite local para que o MP obtivesse acesso a conhecimentos locais e espécimes raros, além de suporte logístico durante as expedições de coleta e pesquisa. Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter documental e bibliográfico. As principais fontes utilizadas foram jornais, correspondências e artigos publicados em periódicos científicos nacionais e internacionais.

Palavras-chave *Lepidosiren paradoxa* – Museu Paraense – rede de conhecimento – relação de patronato.

ABSTRACT This article aims to understand the multiple forms of action of local inhabitants and the importance of networks of knowledge and patronage relationships between the Museu Paraense (MP) and members of the Pará elite in the process of construction and reconfiguration of knowledge about *Lepidosiren paradoxa*. We are also interested in deepening our knowledge of actors who are usually erased or secondary and who were found outside of institutional laboratories and offices. We investigate the participation of cowboys, politicians, government agents, landowners, and scientists

in the processes of collection, circulation of specimens and knowledge, and in cultural mediation. Furthermore, we discuss the importance of maintaining relationships with the local elite for MP to access local knowledge and rare specimens, as well as logistical support during collection and research expeditions. This is a qualitative, documentary and bibliographical research project. The main sources employed in this research were local newspapers, letters, and articles published in national and international scientific journals.

Keywords *Lepidosiren paradoxa* – Museu Paraense – knowledge networks – patronage relationships.

Introdução

O Museu Paraense (MP), atual Museu Paraense Emílio Goeldi, foi fundado em 1866 no estado do Pará, durante o período do Império brasileiro, influenciado pelo contexto de institucionalização das ciências e em resposta às demandas articuladas por intelectuais e naturalistas locais. Esses indivíduos estavam conectados tanto com a administração central do Império quanto com redes internacionais de instituições e viajantes. Em 1871, o presidente da província do Pará, Joaquim Pires Machado Portella, transformou o MP em uma entidade pública, nomeando o naturalista Ferreira Penna como diretor. Em março do mesmo ano, a instituição e a Biblioteca Pública foram oficialmente estabelecidas como órgãos públicos no prédio do Liceu Paraense.¹

Desde sua origem, no âmbito da administração provincial, o Museu Paraense foi moldado por uma inclinação regionalista que visava a conservação e exposição de coleções referentes à biodiversidade e cultural material da região amazônica nacional (Lopes, 2009; Gualtieri, 2008; Sanjad, 2010). Entretanto, os derradeiros anos do Império impuseram desafios substanciais à manutenção do museu, incluindo a escassez de recursos financeiros e de pessoal qualificado, além de questões estruturais que afetaram o acervo e as instalações. O museu acabou sendo declarado extinto pela Assembleia Provincial em 1889.

A Proclamação da República no Brasil proporcionou ao MP uma renovação e realocação em um novo edifício. A revitalização do museu foi motivada por seu papel político e educacional na “reforma do povo”, liderada por José Veríssimo, intelectual e então diretor de Instrução Pública do Pará, que visava infundir na população paraense princípios de cientificidade, patriotismo e civilidade, que eram os fundamentos do novo regime republicano (Sanjad, 2010). Em seu discurso durante a reinauguração da instituição em 1891 perante o governador Bacellar Pinto Guedes, Veríssimo (1894, p.7) nitidamente veiculou a instituição aos ideais republicanos, ao declarar que “como elemento de instrução popular, um Museu é uma eloqüente, instructiva e interessante, para falar a linguagem pedagógica, lição das coisas”.

No mês de outubro de 1893, o governador do Pará, Lauro Sodré, solicitou a Veríssimo, que se encontrava no Rio de Janeiro, que convidasse o zoólogo suíço Emílio Goeldi para assumir a posição de diretor do Museu Paraense. Após prologadas negociações entre as partes, Goeldi foi oficialmente anunciado como diretor em 7 de abril de 1894. Sob sua tutela e com respaldo do governo republicano, a instituição embarcou em um período de reformas abrangentes e reestruturação, tanto no aspecto físico quanto administrativo, buscando aprimorar o corpo funcional e expandir as coleções científicas.

1 Para obter mais informações acerca do contexto de criação, administração e programa científico do Museu Paraense durante o período imperial (1866-1889), ver: Sanjad (2010).

A partir do final do século XIX, o Museu Paraense passou a se destacar no panorama científico brasileiro. Conforme a tese de Sanjad (2010), a ascensão da República e a implementação do regime federalista no país desempenharam papel crucial para elevação de uma instituição estadual, com desafios de manutenção, geograficamente distante do epicentro político nacional e, desde sua gênese, focada nos estudos de uma região que já se delineava como fronteira econômica na segunda metade do século XIX. A revitalização do museu atendeu aos anseios da comunidade acadêmica, especialmente europeia, que buscava explorar a Amazônia, formar coleções e expandir suas pesquisas, bem como às aspirações políticas da elite local, enriquecida pelo auge da borracha, em busca de modernização e progresso (Sanjad, 2019).

No período entre 1894 e 1921, batizado de “anos suíço-germânicos”, devido à gestão de cientistas de origem suíça e alemã, bem como o domínio no corpo de pesquisadores da instituição, a atividade científica do MP foi vigorosa e fecunda. Apoiados e dotados de autonomia pelos governos republicanos paraenses, os diretores e membros da equipe estabeleceram conexões internacionais para alinhar o museu aos paradigmas científicos europeus a partir do final do século XIX. Ademais, Emílio Goeldi buscou concretizar um programa de pesquisa dedicado à história natural, etnografia e arqueologia da Amazônia (Sanjad, 2010; Gualtieri, 2008). De acordo com ele, o museu de história natural localizado em Belém não visava “nem o elefante da Índia, nem a girafa do continente negro. Queremos o que é nosso, o amazônico, o paraense” (Goeldi, 1895c, p. 222). A concretização desse programa, para Goeldi e a administração estadual, dependia de uma visão clara e coesa, alcançada por meio de conferências públicas, publicações para divulgação dos trabalhos e coordenação científica das coleções (Sodré, 1894). Essa visão moldou as atividades do museu durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Indiscutivelmente, a *Lepidosiren paradoxa*, também conhecido como piramboia ou caramuru, foi um dos animais que mais gerou interesse em Emílio Goeldi desde sua chegada ao estado do Pará (Sanjad, 2010). Essa espécie foi identificada pelo naturalista austríaco Johann Natterer em 1836, sendo que, no mesmo ano, a sua nomenclatura e classificação foram formalizadas por Fitzinger (Coelho; Sawaya, 1972). No entanto, até 1895, apenas alguns exemplares haviam sido identificados a despeito da sua importância para a ciência, tornando-se objetos cobiçados no século XIX (Goeldi, 1895b; García, 2016). De acordo com Goeldi (1895b), o significativo valor que atribuía a esse peixe do ponto de vista científico derivava da sua posição isolada no sistema ictiológico, em função do conjunto de características anatômicas singulares que o situavam na zona de transição entre os peixes e os anfíbios, destacando-se a posse de um par de pulmões.

O significativo interesse de Goeldi suscitado pelo peixe pulmonado resultou na publicação de artigos e notas em periódicos científicos, tanto nacionais quanto internacionais. Em artigo de 1898, oriundo de uma conferência para a Zoological Society of London, intitulado “*On the Lepidosiren of the Amazons: being notes on five specimens obtained between 1895-1897, and remarks upon an exemple living in the Pará-Museum*”, o zoólogo suíço não deixou margem para dúvida ao afirmar que a obtenção de novos exemplares do peixe pulmonado da Amazônia, “juntamente com a elucidação do seu hábito, distribuição e modo de vida, constituiu um dos meus principais projectos desde que assumi o meu cargo atual, em 1894” (Goeldi, 1898b, p. 413, tradução nossa).

O interesse e os estudos científicos de Emílio Goeldi acerca da *Lepidosiren*, assim como a participação do zoólogo suíço nas discussões e nas redes de intercâmbios internacionais foram

amplamente estudados ao longo das últimas décadas (Sanjad, 2010; Gualtieri, 2008, García, 2016). Todavia, ainda é parca a compreensão acerca da participação das redes locais na construção do conhecimento científico sobre esse peixe pulmonado.

Em tempos recentes, observa-se um crescimento de estudos históricos interessados em investigar o aspecto coletivo da prática científica (Lopes; Heizer, 2011; Antunes, 2019, 2021; Raj, 2007, 2017). Esses estudos buscam aprofundar o entendimento sobre a sociabilidade inerente ao labor de campo e as práticas sociais entranhadas na atividade científica. A esse propósito, impõe-se revisitar o papel das redes locais, anteriormente ocultos ou subalternizados, no âmbito do trabalho de campo.² À semelhança do preconizado por Kapil Raj (2007), ao transferirmos o foco de nossas investigações da esfera circunscrita (museus, laboratórios, gabinetes) para o campo de pesquisa e para os espaços de interação, descortina-se a dimensão coletiva subjacente ao ato de produzir ciência, gradativamente distanciando-nos das narrativas históricas de viés eurocêntrico e centradas na primazia dos “grandes homens” da ciência e de uma rede formada unicamente por sujeitos europeus e acadêmicos.

Diante dessa conjuntura, e tendo em vista as tendências e as lacunas identificadas no âmbito da historiografia sobre a construção do conhecimento científico no Museu Paraense, este trabalho visa compreender a participação dos habitantes locais – fazendeiros, políticos, agentes governamentais e vaqueiros – e a importância das relações de patronato nas redes de conhecimento formada pelo museu e cientistas, bem como na construção e reconfiguração do conhecimento científico acerca da *Lepidosiren paradoxa*.

Relações de patronato: conceituação

Entre 1894 e 1914, o Museu Paraense manteve uma relação próxima e profícua com parte da elite local, isto é, políticos, agentes governamentais, comerciantes, seringalistas e proprietários de terra. Dessa relação, o museu se beneficiou de substanciais contribuições, abarcando doações de espécimes animais e vegetais, amostras mineralógicas e artefatos de cultura material, destinados a enriquecer as suas coleções, e igualmente, assistência preciosa em suas viagens a campo. Ao abordar as expedições feitas ao arquipélago do Marajó, o então assistente de zoologia do MP, Gottfried Hagmann, escreveu que os funcionários recebiam “de forma solícita, nas fazendas dos Srs. Vicente Chermont de Miranda e Penna, Filhos, alojamento e toda ajuda necessária, bem como o material necessário para as caçadas, como cavalos e botes a remo” (Hagmann, 1901 *apud* Sanjad et al., 2012, p. 220). Sob o manto daquilo que Hagmann chamou de “toda ajuda necessária”, residia um vasto espectro de apoio logístico, compreendendo desde fornecimento de provisões até a estadia, meios de transporte e a mobilização da força de trabalho. Essa colaboração abarcava, ainda, o acesso a saberes tradicionais e locais, que só são possíveis de acessar a partir da aliança com agentes de uma rede de conhecimento.

A participação da elite local na rede de conhecimento do Museu Paraense tinha objetivos que transcendiam a mera aquisição de capital cultural. Compreendemos que a sua inserção

2 A historiografia voltada para a pesquisa sobre a participação das redes locais na produção e circulação do conhecimento cresceu e experimentou um crescimento significativo nos últimos anos. Entre esses estudos, podemos destacar as seguintes contribuições: Camerini (1996); Raj (2007, 2017); Domingues; Alves-Melo (2021); Antunes; Massarani; Moreira (2019); Sanjad (2019); Sanjad; Ximenes (2022); Antunes (2019, 2021).

nessa rede almejava a obtenção de ganhos materiais por meio de relações mutuamente benéficas e o aumento do seu capital social. A noção de capital social, tal como definida por Pierre Bourdieu, denota

o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento ou, em outros termos, de vinculação a um grupo, como um conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (Bourdieu, 1998, p. 67).

Portanto, possuir capital social implica possuir, ou ao menos ter o potencial de possuir, uma série de recursos associados à rede de relações sociais a qual o sujeito está efetivamente vinculado ou pretende integrar por meio de outros membros dessa rede. E ainda, os indivíduos podem se unir a essa rede de forma espontânea ou com objetivos utilitários em mente.

A concessão de suporte financeiro e salvaguardas, seja por líderes governamentais, indivíduos, empresas ou instituições destinadas a cientistas e pesquisas científicas, não é uma prática incomum ao longo da história humana. Diversos estudos históricos se debruçaram sobre o tema do mecenato científico na Europa e na América em diferentes temporalidades (Ruellet, 2016; Mota, 1998; Sanglard, 2005).³ No âmbito das múltiplas experiências desse tipo de mecenato, evidenciam-se traços comuns, a exemplo da presença da noção de fidelidade entre protetor e protegido, do suporte material, notadamente de natureza pecuniária, conferido aos cientistas e suas pesquisas, e da relação direta entre o incentivo e a tutela dos mecenas e o fortalecimento do poder político, assim como o avanço no processo de profissionalização dos conhecimentos (Mota, 1998; Ruellet, 2016; Mesnard, 1985; Sanglard, 2005).

Segundo Mesnard (1985), é pertinente abordar o mecenato científico apenas quando se verifica a concessão de apoio material, notadamente de ordem financeira, a um cientista, assegurando-lhe a subsistência, provendo bolsas ou pensões, e suportando os custos intrínsecos à pesquisa. Ao examinarmos o Museu Paraense com base nas fontes históricas, deparamo-nos com um quadro desprovido de qualquer descrição de alocação de recursos financeiros por parte da elite paraense em direção à instituição. Os testemunhos dos contemporâneos evidenciam que, entre o final do século XIX e início do século XX, membros dessa elite ofereciam auxílio logístico para as expedições ou concessões de permissão para a realização de pesquisas científicas em seus domínios, além de envio de espécimes da fauna e flora e objetos de cultura material. Por exemplo, a ornitóloga alemã Emília Snethlage, em carta ao etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, relatou o apoio recebido da rede local, especialmente do coronel de barranco Ernesto Accioli, durante sua expedição de 1909 ao rio Curuá (Snethlage, 1910).

Os coronéis de barranco eram homens abastados que se atribuíam a condição de senhores dos rios (Sanjad, 2019). Esses indivíduos, detentores de significativa influência e prestígio local, apropriavam-se de vastas extensões de terras, explorando tanto a navegação quanto os recursos naturais e subjugando ribeirinhos e indígenas, comumente valendo-se do sistema de aviamento.⁴

3 Além dos estudos mencionados, merecem destaque os significativos trabalhos de Beugnot (1985), Biagioli (1993) Mesnard (1985) e Sá (2001).

4 Sobre o sistema de aviamento, conferir: Meira (2017).

Qualquer cientista ou viajante que desejasse atravessar e explorar os rios amazônicos necessitava contar com o apoio e proteção dos coronéis. Conscientes dessa realidade, os funcionários do Museu Paraense logo se tornaram hábeis em mobilizar redes locais de apoio ou outros patronos, com o propósito de estabelecer contato com esses indivíduos.

A intrincada interação entre os funcionários do Museu Paraense e os coronéis de barranco, juntamente com a significativa importância do respaldo proporcionado por esses últimos, aparecem em outra correspondência de Emília Snethlage, desta vez, dirigida ao diretor do *Königliches Museum für Völkerkunde*, Eduard Seler. Ao relatar os preparativos para sua expedição ao Xingú, Snethlage registra: “já entrei em contato com o coronel Porfírio Miranda, proprietário do baixo Iriri e Curuá, e ele me garantiu seu total apoio. Essa é uma ajuda muito importante” (Snethlage, 17 mar. 1914, tradução de João Batista Poça da Silva e Nelson Sanjad). O respaldo crucial delineado pela ornitóloga não apenas garantia assistência logística e intelectual, mas também conferia proteção ao longo da excursão. Além desse apoio e proteção nas excursões e auxílio material, como veremos mais a frente, por meio de sua influência e autoridade local, os coronéis de barranco e demais membros da elite paraense possibilitavam também aos cientistas acesso e interação com novos espaços de circulação⁵ que, por natureza, estavam limitados aos estrangeiros. Nesses espaços, os saberes e ideias dos habitantes locais e tradicionais circulavam e interagiam.

De igual modo, a conexão entre os integrantes da elite e o Museu Paraense incorporava uma dimensão de sustentação moral e social ao programa científico da instituição museológica. A título de exemplo, pode-se citar a fundação em 1896 da Sociedade Zeladora do Museu Paraense, fruto do esforço de Emílio Goeldi de divulgação do programa e atividades científicas do museu (Goeldi, 1900a). Dentre os principais objetivos dessa agremiação, formada por indivíduos influentes da sociedade paraense e capitaneada inicialmente por José de Gama Abreu, o barão de Marajó, destacava-se a intenção de “avivar o interesse pelas sciencias naturaes e a exploração scientifica da Amazonia”; buscando, sobretudo, promover uma rápida popularização dos trabalhos e iniciativas científicas realizadas pela instituição museológica (Marajó, 1900, p. 114-115). De fato, a Sociedade Zeladora desempenhou o papel de espaço de intercâmbio social e simbólico, no qual a elite paraense era consagrada pelo seu apoio à ciência perante as autoridades governamentais, enquanto simultaneamente o Museu Paraense consolidava apoio e prestígio junto a esse estrato social.

Os registros nominativos de certos coronéis de barranco, seringalistas, comerciantes, religiosos, políticos, agentes governamentais, proprietários de terra e demais indivíduos abastados que cultivaram conexões com o Museu Paraense são prontamente identificáveis nas páginas do

5 Esse termo, conforme concebido Kapil Raj (2015; 2017), refere-se aos espaços delimitados, caracterizados por configurações irregulares, nos quais se desenvolvem os processos de deslocamento e transformação dos saberes e práticas no contexto das interações interculturais, isto é, a circulação do conhecimento. A noção de espaço de circulação “sugere um tecido com desníveis topográficos, assimetrias (de poder) e também a possibilidade de explorar um *continuum* já existente, ou nuvem, de relações, em vez de meramente construir ligações individuais” (Raj, 2017, p. 52, tradução nossa). Esses espaços encerram, igualmente, dimensões tanto materiais quanto sociais. No âmbito social, distintas modalidades de saberes encontram-se reservadas a grupos sociais ou instituições específicas que se empenham para preservar sua transmissão no interior de seus limites. Quanto à dimensão material, esses espaços estão atrelados a lugares, regiões ou territórios circunscritos, frequentemente demarcados por atributos geográficos, religiosos ou linguísticos. Por fim, é importante mencionar que esses espaços mudam ao longo do tempo e estão sujeitos a exclusão ou inclusão de indivíduos, instituições ou grupos sociais.

periódico científico da instituição, o *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. A seção "Donativos" do relatório anual do diretor do museu ao governador do Pará listava minuciosamente aqueles que haviam contribuído, seja em exemplares de fauna e flora ou objetos etnográficos e arqueológicos, ao jardim zoológico ou às coleções científicas. No relatório de 1897, por exemplo, encontram-se elencadas personalidades prestigiadas à época na sociedade paraense, como o barão de Marajó, o desembargador Gentil Bittencourt, o senador Francisco Machado e o então governador Lauro Sodré.

Sodré desempenhou um importante papel na doação ao Museu Paraense de 46 objetos etnográficos dos povos Yudjá/Juruna, Tapayuna (Kajkwakratxi), que constituem às coleções Lauro Sodré de 1897 e Henri Coudreau de 1898 (Coelho, 2021). Os artefatos que compõe ambas as coleções foram coletadas pelo viajante francês que empresta seu nome à segunda coleção e que, entre 1895 e 1899, esteve a serviço do governo paraense (Coelho, 2021). É digno de nota que Goeldi enviou pessoalmente uma carta ao então governador, solicitando que "os objetos ethnographicos e de historia natural, que por ventura sejam encontrados durante a comissão [de Coudreau] sejam reservados para o Museu Paraense", assim como as demais coleções provenientes de comissões custeadas pelo Estado (Goeldi, 1895a). Em resumo, ele utilizou da relação e do apreço que o governador mantinha para com o museu a fim de incrementar as coleções científicas da instituição.

Como pode ser observado, a dinâmica que se entrelaçou entre a elite paraense e o Museu Paraense apresentava atributos próprios, dissociando-se da caracterização tradicional do mecenato científico. Por outro lado, essa associação está intrinsecamente enredada com a realidade e as práticas sociais da Amazônia do final do século XIX e início do século XX. Nesse cenário, coexistindo com a expansão da economia da borracha e da fronteira agrícola, e dos ideais do regime republicano, testemunhamos a permanência e ampliação dos laços de compadrio e do sistema de aviamento (Weinstein, 1993; Hemming, 2009). Diante desse contexto e das particularidades apresentadas dessa relação entre as partes, consideramos necessário esboçar um conceito inédito, denominado de "relação de patronato". A escolha do termo "patronato" evoca não apenas a etimologia e um dos sentidos da palavra em latim, "protetor", mas também remete à expressão "patrão", frequentemente empregada na região amazônica para designar os grandes proprietários de terras, seringalistas e comerciantes de notável influência.

A relação de patronato refere-se a uma dinâmica em que indivíduos, membros da elite local, conhecidos como patronos, oferecem apoio logístico, intelectual e social a uma instituição científica, no caso aqui estudado, o Museu Paraense. Essa relação não está arraigada na ajuda financeira, especialmente pecuniária, mas no intercâmbio simbólico, social e material. Nessas relações, os membros da elite em troca da sua proteção e suporte logístico durante as expedições e envio de objetos e espécimes de interesse científico recebiam ganhos simbólicos, materiais e sociais. Dessa forma, ao se envolverem em uma rede de conhecimento, fornecerem apoio logístico e intelectual e proteção e contribuírem com espécimes e objetos de cultura material para o Museu Paraense, esses sujeitos se tornaram parte de (ou mesmo conseguiram se manter em) uma rede social mais ampla. Essa rede englobava igualmente as autoridades governamentais do estado do Pará, que percebiam o museu como uma instituição de essencial relevância para a promoção das máximas do novo regime republicano, fincadas nos preceitos de patriotismo, cientificidade e civilidade (Sanjad, 2010).

E, acrescido a tudo isso, enquanto seus nomes eram evocados nos apreços do diretor do museu no seu relatório anual ou figuravam em artigos produzidos pelos funcionários e colaboradores, ou ainda, ao firmarem seus textos nas páginas periódico da instituição, como Vicente Chermont de Miranda (cf. Miranda, 1908), esses sujeitos angariavam um capital simbólico valioso. Esse capital simbolizava, no cerne, uma construção de reputação, a obtenção de posição proeminente no quadro social, a aquisição de prestígio e distinção, bem como a disseminação da notoriedade. E, vale frisar, o capital simbólico, segundo Bourdieu (2009), tem o poder de converter-se em capital cultural, conhecimento e educação, e capital econômico, dinheiro, propriedades, investimentos, renda, contratos, ativos financeiros, bem como a capacidade de acesso a crédito.

A relação entre a família Ferreira Penna e o Museu Paraense na última década do século XIX é um exemplo disso. Além de fornecerem apoio intelectual e logístico durante expedições à ilha de Marajó, essa família paraense, representada por figuras como João Batista Ferreira Penna, intermediava ou doava onças à instituição. Essas onças, por muitos anos, foram a principal atração do Jardim Zoológico do museu, e o nome da família frequentemente aparecia nas listas de doadores, acompanhado de notas de agradecimento. Em 1896, por meio da Companhia Pastoril — empresa voltada para o comércio de carne —, o grupo começou a fornecer quase diariamente remessas destinadas à alimentação dos animais (Goeldi, 1897b). Com o passar do tempo, essa colaboração se transformou: a Companhia Pastoril firmou um contrato com o museu, estipulando o pagamento de 500 réis ouro por quilo de carne entregue (Goeldi, 1901). Esse exemplo demonstra como o apoio logístico às expedições e a doação de animais e carne resultaram, para alguns membros da família Ferreira Penna, em ganhos tanto simbólicos quanto materiais, culminando na formalização de um contrato com a instituição.

Evidentemente, não se pode atribuir exclusivamente à busca por prestígio, distinção e acesso a uma rede política a participação de membros da elite proprietária paraense nas atividades científicas. Alguns indivíduos manifestavam um genuíno interesse no estudo da natureza amazônica, atuando até como naturalistas amadores. Eles registravam observações e coletavam exemplares da fauna e flora, os quais eram posteriormente enviados ao Museu Paraense. Além disso, viabilizavam a realização de pesquisas científicas em suas propriedades. Entretanto, quer essa fosse sua intenção última ou não, esses indivíduos recebiam, em contrapartida, pelas práticas e apoio mencionados, capital simbólico suscetível de se transformar em capitais social, cultural e econômico.

O interesse científico pela *Lepidosiren* e a formação da rede de conhecimento no Cabo do Maguari, Marajó

Em 1895, Goeldi divulgou as *Instruções praticas sobre o modo de coligir produtos da natureza para o Museu de Historia Natural e Ethnographia*, referida neste texto daqui em diante apenas como *Intruções praticas*. Esse documento foi publicado no periódico do museu, no *Diário Oficial* e em jornais do interior para incentivar e orientar possíveis colaboradores na coleta de espécimes e objetos para o museu. Na terceira parte das *Instruções praticas*, relativa à coleta e acondicionamento de peixes, o zoólogo suíço escreveu que o *Lepidosiren paradoxa* era naqueles dias o peixe amazônico de maior interesse para a ciência e, conseqüentemente, para o Museu

Paraense. Tanto é assim que ele incluiu uma estampa no documento com objetivo de chamar a atenção dos habitantes locais e naturalistas amadores para o peixe e “na esperança de facilitar assim a procura” (Goeldi, 1895b, p. 241).

Conforme se pode observar na Figura 1, a piramboia é um peixe de aparência excêntrica, com o corpo alongado e arredondado, similar a uma enguia, mas com escamas revestindo sua estrutura física. Goeldi chamou atenção na gravura para os dois pares de “apêndices flagelliformes [sic], representando extremidades em estado rudimentarios”, a dentição frontal semelhante aos dentes incisivos dos mamíferos – responsáveis por apreender o alimento – e, por fim, a uma “nadadeira mediana ininterrompida [que] guarnece tanto a metade posterior do dorso como do abdomen” (Goeldi, 1895b, p. 241).

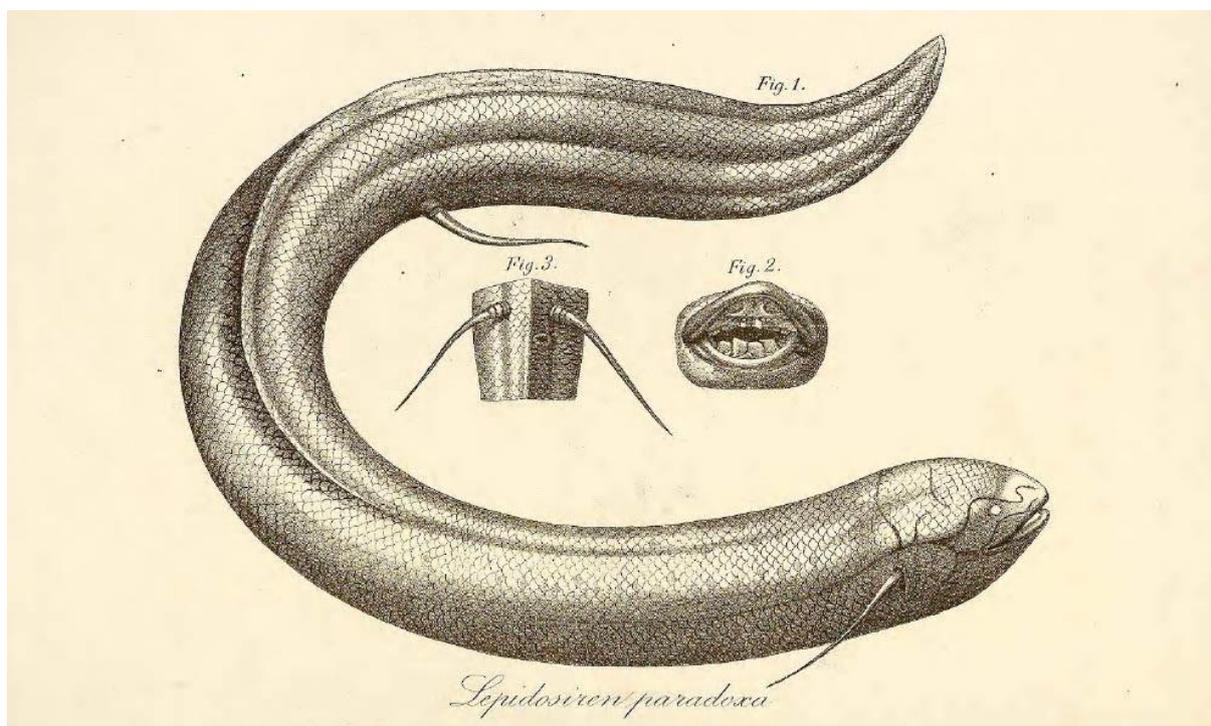


Figura 1: Gravura do peixe pulmonado *Lepidosiren paradoxa* publicado por Emílio Goeldi. Fonte: Goeldi (1895b).

O interesse na *Lepidosiren paradoxa* era tão grande que, ao final das instruções sobre a coleta de peixes, o diretor solicitou aos leitores transmitirem um telegrama especial, caso fosse encontrado o peixe em alguma localidade. Isso permitiria o envio de um barril e de álcool de boa qualidade para armazenar da melhor forma os exemplares coletados. Por fim, Goeldi garantiria ainda que o Museu Paraense indenizaria “de bom grado a todas as despesas, que de semelhante caso podessem resultar”, abarcando, dessa forma, tanto o envio do telegrama quanto dos materiais para o acondicionamento do animal (Goeldi, 1895b, p. 243).

A divulgação por meio das *Instruções praticas* parece ter sido frutífera, pois foi por meio da leitura desse artigo no *Diário Oficial* que Vicente Chermont de Miranda – engenheiro, político, naturalista amador e proprietário de fazendas no Cabo do Maguari, no arquipélago do Marajó – teve acesso às informações acerca do peixe amazônico e tomou ciência do desejo do

diretor do Museu Paraense em adquirir exemplares. Segundo Goeldi (1896), em curto espaço de tempo após a publicação no periódico oficial, Miranda comunicou ao museu que acreditava ter coletado um peixe semelhante ao que havia sido divulgado no texto.

No mesmo ano, 1895, Miranda publicou um artigo na *Revista da Sociedade de Estudos Paraense* anunciando a descoberta de um par de *Lepidosiren* na ilha do Marajó. Ao examiná-los, o fazendeiro do Marajó, que era também um naturalista amador, julgou que o casal possuía diferenças significativas com as gravuras disponibilizadas dos exemplares até então conhecidos; o que o fez crer ter identificado uma nova espécie, a *Lepidosiren marajoense* – em homenagem ao local de descoberta. Essa identificação era, na verdade, um equívoco, corrigido em maio do ano seguinte pelo diretor do Museu Paraense.

As circunstâncias de coleta do casal de peixes foram descritas por Miranda da seguinte forma:

Inspeccionando em Dezembro do anno passado os trabalhos de excavação do rego do Jacarémagro a 2 ½ quilômetros da margem do Amazonas, nos foi mostrado pelos trabalhadores, vaqueiros antigos da comarca de Soure, dous peixes, para eles desconhecidos, que haviam encontrado juntos a pequena distancia da superfície. Os dous animais estavam cortados a golpes de enxada e de terçado. Viam-n'os eles, como nós tambem pela primeira vez (Miranda, 1895, p. 78).

Como visto, a descoberta do casal de *Lepidosiren* foi fortuita pelos trabalhadores ao realizarem escavações no rego do Jacaré-Magro. Os nomes desses “vaqueiros antigos da comarca de Soure” foram subtraídos no artigo, assim como as suas contribuições para ciência foram invisibilizadas, ou mesmo apagadas, nas publicações posteriores a respeito do peixe pulmonado, deixando, assim, o protagonismo da descoberta apenas para Vicente Chermont de Miranda. De qualquer forma, o excerto do texto de Miranda registra a participação desses sujeitos, os mais subalternizados da rede que ligava o Marajó ao Museu Paraense, mesmo que de forma inconsciente, na construção do conhecimento científico.

Em nota publicada no periódico do MP em 1896, intitulada *A Lepidosiren paradoxa*, o zoólogo suíço expôs que Miranda enviou em maio daquele ano um exemplar da *Lepidosiren* “recentemente *apanhada por elle* n’uma das suas fazendas situadas no cabo de Magoary” (Goeldi, 1896, p. 440, destaque nosso). Nesse trecho, observa-se que o diretor atribuiu, conscientemente ou não, o mérito da coleta e a descoberta do peixe ao Miranda – atribuição de mérito que aconteceu ao longo de todo o texto. Apesar da nota de texto não informar, é provável que os vaqueiros tenham sido os responsáveis pela coleta do peixe na propriedade do fazendeiro, considerando os dois *Lepidosiren* anteriormente relatados e o feito do trabalho exigido para a captura do referido animal.

É importante destacar que essa hipótese não visa apagar o papel de Miranda na descoberta para salientar o trabalho dos habitantes locais. Nada disso. Miranda teve importante papel no achado ao compreender as demandas científicas e buscar supri-las com respostas e espécimes, cumprindo, dessa forma, com as suas atribuições na relação de patronato com o Museu Paraense. Na verdade, ela pretende tonar visíveis a participação de sujeitos históricos subalternizados na produção do conhecimento acerca da *Lepidosiren paradoxa* sem desmerecer a atuação de outros atores.

No labor de coleta de fauna e flora, a interligação entre conhecimento e ação se revela intrínseca e indispensável. Ao executar uma tarefa prática, o agente histórico necessita utilizar todo seu conhecimento, habilidade e experiência para instrumentalizar suas ações e ser bem-sucedido no trabalho. Nessa perspectiva, ao considerarmos o caso dos vaqueiros, torna-se inescapável integrar, no processo de captura do peixe pulmonado, não apenas atributos como agilidade, destreza e inventividade, mas também o domínio de saberes tradicionais pertinentes à geografia local, aos padrões comportamentais dos animais e aos utensílios de trabalho. Assim sendo, os trabalhadores marajoaras, ao contribuírem com sua experiência, práticas e saberes tradicionais, desempenharam um papel determinante na configuração do conhecimento.

As relações entre vaqueiros, funcionários e proprietários de terra, na verdade, não eram simétricas. No que diz respeito aos seus patrões, os trabalhadores marajoaras encontravam-se subjugados a uma relação de compadrio, exploração e interesses desiguais (Ferrão, 2016). Por outro lado, em relação aos pesquisadores do museu, predominantemente europeus e com elevado nível de escolaridade, desenvolvia-se uma convivência marcada por hierarquia e opressões, originadas das estruturas classistas e racistas presentes na sociedade brasileira do final do século XIX, seja de maneira intencional ou não. Essas assimetrias de poder se manifestavam na exclusão ou silenciamento da participação dos vaqueiros na produção de conhecimento, bem como na adoção de termos que apagavam a identidade e individualidade desses trabalhadores. Ao contrário dos membros da elite paraense, os patronos da instituição, cujos nomes e práticas são proeminentes nas fontes históricas, a identidade, trajetória e realizações desses trabalhadores marajoaras foram silenciadas e ocultadas.

É necessário sublinhar que esse apagamento de habitantes locais não constitui um fenômeno casual ou mesmo excepcional, como pode ser observado em outros casos examinados neste artigo e na historiografia pertinente. Pelo contrário, ele se insere em um padrão da ciência praticado ao longo do século XIX e início XX (Madruga, 2022; Bell, 2021). O apagamento decorre, na realidade, de uma contradição intrínseca à formação dessa rede de conhecimento: embora as demandas científicas e a construção do conhecimento tenham estabelecido conexões entre esses sujeitos tão diferentes, promovendo a circulação de saberes, práticas, mercadorias e espécimes, as motivações ocultas para as associações não são iguais e as relações de poder entre os agentes estão longe de ser simétricas. Com frequência, na verdade, elas revelam-se inteiramente díspares e profundamente desiguais.

Os elementos que induzem um indivíduo a adentrar uma rede de conhecimento podem abranger, em constante alternância, aspectos de natureza social, política e econômica. Todavia, é pertinente notar que alguns sujeitos, a exemplo dos vaqueiros, sejam coagidos a participar da rede devido a obrigações impostas por seus patrões. Além do mais, as relações de poder inerentes a esse contexto são inegavelmente assimétricas e marcadas por questões de classe, gênero e raça. Isso posto, os sujeitos que formavam a rede de conhecimento – Goeldi, Miranda e os vaqueiros – possuíam distintos objetivos ao se aliarem. E dentro da associação, as relações de poder se estabelecem com diferentes possibilidades de subordinação, resistência e cooperação.

Ainda no texto do periódico científico do MP, Emílio Goeldi (1896), em tom orgulhoso, inteirou os leitores sobre o sétimo exemplar de *Lepidosiren paradoxa* em museus de história natural do mundo. Inclusive, o artigo contava com uma listagem e um mapa assinalando os exemplares de *Lepidosiren* disponíveis em museus ao redor do globo. Tratava-se de um espécime feminino, de sessenta centímetros e de cor ardósia escura, considerado em bom estado de conservação,

apesar de apresentar dois golpes de terçado ao longo do seu corpo. Além disso, o zoólogo suíço forneceu uma breve descrição do exemplar, retificou o desacerto do “informante” ou “descobridor” – designações utilizadas ao longo da nota para referir-se a Miranda. Por fim, Goeldi tomou partido na discussão científica a respeito da distribuição geográfica e classificação do animal.

A controvérsia em questão versava sobre a distribuição geográfica do animal. Um grupo de zoólogos julgava existir duas espécies – ou seja, mesmo termo genérico, mas com distintos epítetos específicos – de *Lepidosiren* na América do Sul: a *Lepidosiren paradoxa* ao norte, na bacia do Amazonas, e a *Lepidosiren articulata* mais ao sul do continente, na bacia do Paraguai-Paraná. Conforme esclareceu Sanjad (2010, p. 283), “caso essa hipótese fosse confirmada, um problema se colocaria do ponto de vista evolutivo, uma vez que seria necessário explicar as razões pelas quais os animais se diferenciaram em cada bacia”.

Essa divisão foi combatida por Emílio Goeldi depois do zoólogo examinar as nadadeiras do peixe amazônico. Sem dissecar o peixe, analisando apenas aspectos exteriores, ele constatou, “instantaneamente, que o raio cartilaginoso das nadadeiras anteriores e posteriores [do animal] é articulado”, da mesma forma que o exemplar coletado no Paraguai (Goeldi, 1896, p. 441). Assim, não havia particularidades que justificassem a separação em duas espécies. O diretor do Museu Paraense, por conseguinte, estava se aliando a Edwin Ray Lankester, professor de anatomia comparada de Oxford, o primeiro a questionar a nova espécie criada por Ehlers, em artigo de 1896 publicado na *Transactions of the Zoological Society of London* (Sanjad, 2010). Lankester sustentava que os exemplares recolhidos na Amazônia também possuíam a segmentação do eixo e que as diferenças entre os espécimes coletados se explicavam pela forma de coleta, pelos métodos de conservação e pelos meios transporte (García, 2016).

Ainda em 1896, o zoólogo Albert Günther (1830-1914) publicou na revista inglesa *Nature* uma nota intitulada “*Capture of a specimen of Lepidosiren in the river Amazons*” na qual noticiou a aludida descoberta na ilha do Marajó e transcreveu trechos de uma carta de Emílio Goeldi datada de 9 de junho do mesmo ano.⁶ O diretor do Museu Paraense inteirou Günther da chegada de um exemplar em álcool enviado por “um amigo que tem grandes propriedades na ilha” do Marajó, referindo-se a Vicente Chermont de Miranda, e que “a localidade exata de nosso espécime é a fazenda Dunas, no Cabo Magoary, Ilha de Marajó” (Günther, 1896, p. 270, tradução nossa). Para além disso, ele informou que, ao analisar o peixe amazônico, encontrou a mesma segmentação na estrutura da nadadeira descrita por Bohls no exemplar coletado no Paraguai. Embora encontrasse semelhanças com o exemplar paraguaio, Goeldi não concordava possuir uma *Lepidosiren articulata*: “concordo com o senhor e com o Prof. Lankester que existe apenas uma espécie de *Lepidosiren*, a *L. Paradoxa*. – *L. dissimilis*, *gigliona*, *articulata* são sinônimos” (Günther, 1896, p. 270, tradução nossa).

Na missiva, Goeldi confessou ainda que desde a sua chegada ao Brasil sua atenção foi inclinada aos peixes dipnoicos por Karl Vogt e pelo próprio Albert Günther. Porém, ele somente pode tratar do assunto “com uma esperança razoável de sucesso” depois de assumir a direção do Museu Paraense (Günther, 1896, p. 270, tradução nossa). Nesse sentido, verifica-se que o então diretor do Museu Paraense ao assinalar sua posição na celeuma não se colocava como um

6 Não tivemos acesso ao original da carta. No entanto, a transcrição pareceu fidedigna ou mesmo aceitável para Goeldi, a ponto de o zoólogo suíço, em artigo para um periódico científico inglês, recomendar “*Capture of a specimen of “Lepidosiren” in the river Amazons*” para os leitores que quisessem saber mais informações sobre a captura do primeiro exemplar de *Lepidosiren* que chegou ao Museu Paraense (Cf. Goeldi, 1898a).

ator isolado no cenário científico; longe disso, ele reafirmava seu lugar dentro de uma rede de conhecimento, agora também internacional, que compartilhava práticas, publicações e materiais.

Conforme documentado nos relatórios publicados no *Boletim do Museu Paraense*, Goeldi fez apenas duas expedições oficiais ao Marajó, a primeira em 1894, ao rio Arary, e a segunda em 1896, ao Cabo Maguari. Como já dito, o primeiro exemplar de *Lepidosiren* foi coletado no “rego do Jacaré magro” na fazenda Dunas pertencente Vincente Chermont de Miranda. O animal, consoante os relatos de seus “informantes” Chermont e Manuel Francisco Machado vivia em águas rasas, de poucos metros de profundidade, e o verão amazônico era a estação propícia para encontrá-lo (Goeldi, 1898b). Durante a segunda excursão ao arquipélago, o diretor encontrou o local de coleta nessas condições em setembro daquele ano, conforme a sua descrição: “eu vi o rego entre as raízes de alguns tufos de papiro, não mais do que um passo de uma longa vala, que no período de meados do verão de minha visita tinha água suficiente para um barco” (Goeldi, 1898b, p. 417-418). Além disso, descreveu e fotografou o local no qual foram encontrados os três primeiros espécimes do peixe pulmonado no Marajó.



Figura 2: Fotografia feita por Emílio Goeldi. Pirizal na fazenda Dunas, onde foram encontrados os três primeiros espécimes de *Lepidosiren paradoxa*. Fonte: Goeldi (1898a).

Conforme registrado por Goeldi (1898a), a fotografia apresentada na Figura 2 foi capturada no período de maré baixa e mostra um típico pirizal em destaque, separado transversalmente por um canal de seis pés de profundidade. Na cena, é possível avistar ao fundo, a certa distância, algumas pessoas que aguardavam a chegada de uma canoa. Entre as raízes de alguns tufos de papiro, pode-se observar o pequeno rego ou valeta. Foi desse local que os trabalhadores marajoaras obtiveram o primeiro exemplar de *Lepidosiren*, que posteriormente foi entregue

Vicente Chermont de Miranda. Ainda de acordo com o zoólogo suíço, “os outros dois espécimes também foram obtidos quase no mesmo local” (Goeldi, 1898a, p. 854).

O primeiro exemplar vivo e a participação em redes de intercâmbio internacional

Na noite de 3 junho de 1897, Goeldi realizou uma conferência pública para a Sociedade Zeladora do Museu Paraense, cuja súmula foi publicada no *Boletim* (Goeldi, 1897a). Nesse evento, que contou com a presença do então governador do estado do Pará, José Paes de Carvalho, o diretor do museu exibiu orgulhosamente ao público uma *Lepidosiren paradoxa* viva trazida de Óbidos, localidade do oeste paraense, de onde a instituição já havia recebido outros dois exemplares em álcool. Nessa palestra, tratou tanto de apresentar a sistemática da classe dos peixes quanto da classificação da *Lepidosiren*, conforme se apreende do resumo publicado:

O Dr. E. A. Goeldi começou a sua exposição por uma synopse rápida sobre a systematica hodierna da classe dos peixes. [...] Chegado d'est'arte ao genuíno assumpto da conferencia, o Dr. Goeldi, valendo-se de farto material ilustrativo em desenhos originaes e quadros muraes, passou em revista um por um dos três gêneros que hoje compõe a familia do *Sirenidae* e que são: o *Ceratodus* 'barramunda' da Australia; b) o *Protopterus* da Africa; e) o [sic] *Lepidosiren* da America do Sul, discutindo semelhanças e diferenças do seu aspecto interior e da estrutura anatômica (Goeldi, 1897, p. 247-248).

Além disso, ele defendeu que a sobrevivência dessas espécies no sul do hemisfério e a presença de espécies intermediárias entre elas e formas mais novas consistiam em evidências e documentos biológicos e zoogeógrafos “para uma distribuição antiga de mar e terra firma, diversa da actual e uma ligação dos ditos continentes em períodos geológicos passados” (Goeldi, 1897a, p. 250). Com base no resumo da conferência, vê-se que Goeldi não renunciou a um vocabulário científico, repleto de termos técnicos da zoologia, e de adentrar em assuntos mais densos a respeito da anatomia animal. Ainda assim, ele não ignorou a heterogeneidade de interesses e formações dos espectadores, conforme o relato abaixo:

Claro é que o conferente tinha de demorar-se com a explicação cabal da co-relação intima entre systemas respiratório e circulatório, luctando com a não pequena dificuldade de ter sempre que intercarlar digressões lateraes para construir desde a base noções elementares de anatomia comparada, familiares sómente ao naturalista de profissão e ao medico. [...] Espontaneo auxilio prestou ao orador o [sic] *Lepidosiren* vivo no seu aquário, vindo repetidas vezes á tona d'agua afim de respirar (Goeldi, 1897a, p. 250).

Para além da ajuda do animal a respirar para fora d'água, vê-se no trecho o esforço e o interesse de Emílio Goeldi de se fazer compreender pelo público, mesmo a respeito de um assunto tão específico e que necessita de um domínio de vasto cabedal de conhecimentos paralelos. Nada obstante as suas limitações didáticas, Goeldi recorreu, inclusive, a material ilustrativo e fez digressões e explicações de noções básicas de anatomia comparada. Afinal, todo o esforço do zoólogo suíço era necessário para fazer o público compreender a importância da descoberta e da raridade de ser um museu na América do Sul, na Amazônia, o único até então

a exibir uma *L. paradoxa* viva. Adicionalmente, como já destacamos, as conferências públicas conduzidas por pesquisadores, como aquela em questão, eram percebidas tanto pelas autoridades governamentais quanto pelo zoólogo suíço como um dos principais instrumentos para a concretização de um projeto científico acessível e consistente, conjuntamente com a divulgação dos trabalhos por meio de publicações e a organização e classificação cientificamente orientadas das coleções (cf. Sodré, 1894).

O fato de o Museu Paraense ser o único do mundo até então a poder ostentar uma *Lepidosiren* viva, além de possuir outros quatro exemplares, permitiu que Emílio Goeldi realizasse uma exposição sobre o assunto na Sociedade Zoológica de Londres, na sua sessão de 14 de dezembro de 1897 (Anônimo, 1897). A memória da conferência foi publicada na *Transactions of the Zoological Society of the London*, juntamente com algumas estampas. Destacamos, dentre as estampas, a Figura 3, feita a partir de fotografias instantâneas tiradas por Emílio Goeldi, mostrando a evolução do animal vivo num pequeno aquário, com destaque em vermelho para as duas imagens do topo mostrando o peixe pulmonado no ato de respirar na superfície (Goeldi, 1898b).

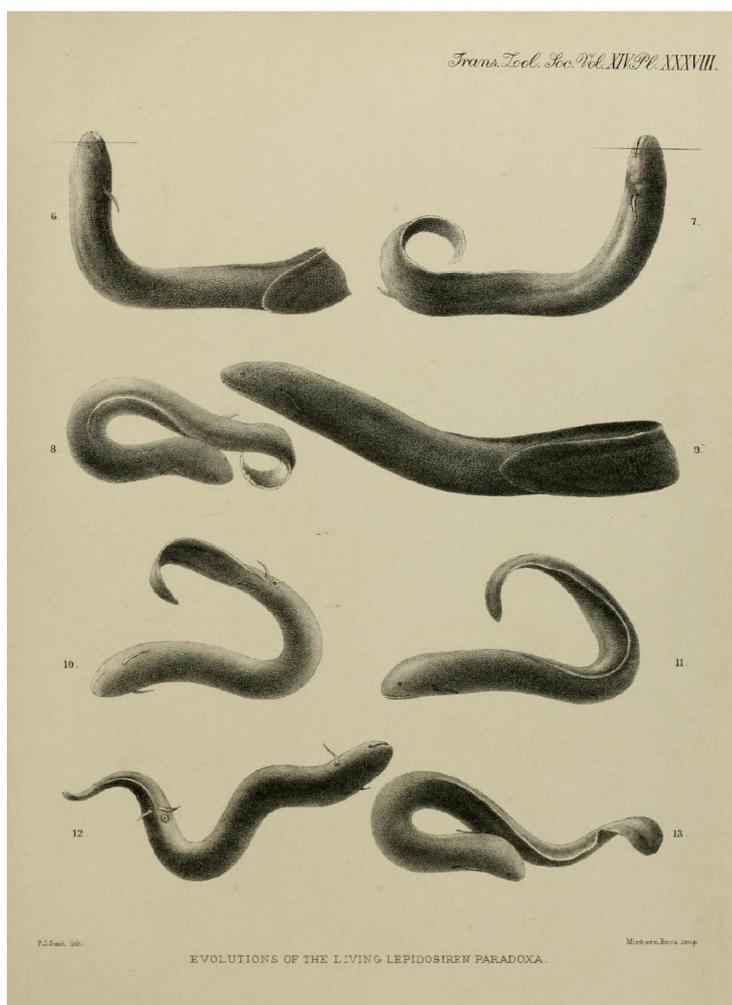


Figura 3: A estampa apresenta a evolução da *Lepidosiren paradoxa* viva num pequeno aquário, a partir de fotografias instantâneas tiradas por Emílio Goeldi. No topo da gravura, circulado em vermelho, vê-se o peixe o peixe pulmonado no ato de respirar na superfície. Fonte: Goeldi (1898b).

Para García (2016, p. 183, tradução nossa), o caso da participação do Museu Paraense e de Emílio Goeldi no debate científico sobre a *Lepidosiren paradoxa* demonstra a importância de ter espécimes frescos e/ou vivos de animais endêmicos da região Amazônica, pois possibilitaram que “cientistas de instituições científicas locais participassem em discussões e intercâmbios internacionais”. Assim como evidenciam a atuação dos diretores dos museus regionais como um “um elo intermédio entre os circuitos científicos internacionais e os meios locais”, pois esses atores divulgavam instruções, estimulavam práticas de coleta e faziam circular espécimes e informações (García, 2016).

Um símbolo da modernidade e progresso?

Compreender o impacto dos estudos realizados no Museu Paraense sobre a classe trabalhadora local no contexto amazônico do final do século XIX e início do XX é uma tarefa desafiadora. Nessa região, observa-se um predomínio notável da cultura oral entre os sujeitos subalternizados e povos indígenas. De modo geral, neste artigo lançamos mão de fontes históricas produzidas pelos funcionários do museu (artigos científicos, relatórios e ofícios estatais e missivas), bem como de documentos frequentemente provenientes de autores ligados às classes dominantes que anotam os pensamentos, as visões, as ações e as estratégias da população local sempre por meio de seus filtros culturais e de classe. A imprensa, por sua vez, figura como importante fonte histórica para tratar desse período histórico. No entanto, é importante sublinhar que, ao citar a imprensa como fonte, não a concebemos como uma mera expressão da “opinião pública”. Com efeito, o que se pode discernir dos registros de imprensa a partir da segunda metade dos oitocentos não é um discurso direto da classe trabalhadora sobre a modernidade, mas sim uma representação do que supostamente essa classe percebia em relação a essa modernidade (Albuquerque; Gonçalves, 2016).

As palestras e a divulgação feita pelo Museu Paraense do seu achado não passaram despercebidas na imprensa paraense e foram encaradas como símbolo de modernidade e orgulho local – mesmo que de modo debochado. Em março 1898, na coluna de humor jornal *O Pará* denominada “No cacuri”, Anastacio da Conceição, sobre quem não encontramos outras informações biográficas, compartilhou com seus leitores uma história cômica sobre a visita de seu amigo Pantaleão e sua numerosa família à sua casa (Conceição, 4 mar. 1898, p. 2). O visitante, já sexagenário, havia dedicado grande parte da sua vida à fabricação de farinha, à produção de borracha, à pesca e à caça, mas estava ávido por conhecer a cidade de Belém. “A luz eléctrica, os cavallinhos do Firmo, as bicycletas, têm posto o meu pobre compadre n’uma roda vida; a roça não o apanha mais”, assim Conceição descreveu o encantamento do amigo.

Segundo Anastacio Conceição, sempre que Pantaleão lhe inquiria sobre “nossos estupendos progressos”, ele mencionava prontamente a *Lepidosiren paradoxa*, entoando o nome e sugerindo uma visita ao Museu Paraense: “vá ver, compadre, o [sic] Lepidosirem, aquillo é maravilhoso; não há cinco exemplares no mundo”. Então, portando uma carta de recomendação, na qual solicitava o privilégio de contemplar o peixe, o visitante ávido por modernidade encaminhou-se ao museu de história natural localizado em Belém.

No entanto, qual não foi surpresa de Conceição ao ver o amigo Pantaleão transbordando de ira. O encontro entre os dois compadres, então, deu início ao interessante diálogo abaixo:

– Você, seu Anastacio, é um besta, um burro. Se você não fosse meu compadre lhe mostraria uma coisa...

– Mas que foi, seu compadre?

– O que foi? Eu não sou brinquedo dos outros. Vou na tal casa, peço p’ra ver aquela coisa que dizia na carta e me amostraram dentro d’uma garra um caramúru velho, um peixe besta, que todo dia boto pr’a fora do cacuri. [...] Esta gente da cidade é pior que gente do sítio; se admiram de ver caramúru... sim senhor!

– Mas, seu compadre, o caramúru é o *Lepidosirem* [sic].

– Ora, seu Anastacio, deixe de ser doutor; só agora porque vive na cidade já se admira de vêr o caramúru (Conceição, 4 mar. 1898, p. 2).

De maneira intrigante, o humor presente no escrito de Anastacio Conceição não residia meramente no encantamento do caboclo pela cidade em crescimento e pela prosperidade trazida pelo *boom* da borracha. Ao contrário, encontrava-se ancorado na profunda desilusão com a modernidade de Belém; ou melhor, com um dos ícones dessa modernidade e do progresso: o Museu Paraense. Além disso, é interessante a percepção de que a *Lepidosiren*, ao se transformar em uma “descoberta científica” de primeira grandeza, adquiria áurea de modernidade.

O texto de Conceição explora a tensão entre os conhecimentos tradicionais e a ciência, originária do positivismo da Belle Époque, assim como as transformações da modernidade na sociedade paraense. Nesse sentido, o autor satiriza as mudanças na percepção e na experiência humana ocasionadas pelo progresso e pela retórica científica, que conseguiam elevar um simples peixe amazônico à condição de símbolo do avanço científico, sendo, por isso, celebrado pela população da capital paraense.

Outros sujeitos e espaços da rede de conhecimento

No artigo publicado na *Transactions of the Zoological Society of the London*, Goeldi tratou a respeito de aspectos morfológicos e anatômicos, da distribuição geográfica, dos hábitos em estado livre e em cativeiro e dos nomes populares do animal. Além disso, relembrou resumidamente ao longo do texto o processo de coleta dos espécimes que possuía até aquela ocasião, apresentando atores até então desconhecidos:

Meu primeiro espécime foi obtido na costa atlântica da Ilha de Marajó, certamente uma localidade notável.⁷ Um segundo espécime pequeno me foi trazido de Santarém, sendo a localidade exata o Igarapé Ayayá, Fazenda Taperinha, na vizinhança imediata da cidade. Posteriormente, obtive dois espécimes maiores em Óbidos, cuja localidade exata é Paraná de Baixo, também não muito longe de Santarém. Um desses espécimes, capturado com um anzol de pesca, viveu por várias horas, e um telegrama de Óbidos, enviado pelo Senador M. F. Machado (cujo interesse e ajuda em assuntos ictiológicos semelhantes merecem reconhecimento público), fez-me esperar recebê-lo vivo no próximo vapor da Companhia Amazônica. Entretanto, essa esperança não se concretizou; o espécime morreu, mas foi

7 No mesmo texto, Goeldi escreveu em nota de rodapé: “o espécime está agora no *British Museum*” (Goeldi, 1898b, p. 414, tradução nossa).

salvo como um espécime preservado em álcool. Finalmente, recebi de Óbidos um quinto exemplar, capturado pelo Deputado Lourenzo Valente do Conto. Esse exemplar já vive há quase quatro meses no Museu Paraense e parece estar muito bem, sendo tratado com muita atenção e cuidado (Goeldi, 1898b, p. 414, tradução nossa).

Em nota de rodapé, Goeldi acrescentou ao excerto que estava em débito com Augusto Olympio, “anteriormente deputado” e então diretor de Instrução Pública do Estado do Pará, que doou um dos espécimes obtidos em Óbidos. O fragmento acima revela que a aquisição dos cinco exemplares foi feita estritamente por meio de doações de agentes políticos e governamentais, tais como, senador Manuel Francisco Machado, o deputado Lourenzo Valente do Conto e Olympio. A presença ativa de agentes políticos e governamentais nas redes de conhecimento emerge como uma característica da ciência praticada na Amazônia durante o século XIX e início do XX. A produção de conhecimento estava intrinsecamente ligada à atuação desses sujeitos que, em virtude das suas posições sociais e hierárquicas, poderiam facilitar ou autorizar o acesso a determinadas áreas geográficas e espécimes particulares.

Esses atores permitiam ao museu ampliar a rede de conhecimento em torno da *L. paradoxa* para o interior do Pará, como Marajó, Paraná de baixo e bidos. Nesse contexto, ao expressar sua gratidão a Chermont, Machado, Conto e Olympio, o diretor não são reconhecia o significativo papel desses atores no processo de construo da ciência que estava sendo veiculada na publicao, mas também acenava aos seus patronos, conferindo-lhes prestígio público. Adicionalmente, esse gesto funcionava como um convite tácito para que esses patronos continuassem a manter suas conexões com a instituio, fortalecendo os laços entre a ciência, a política e a sociedade.

Goeldi, ao compartilhar informaes fornecidas por seus “informantes”, notadamente Vicente Chermont de Miranda e Machado, revelou um aspecto importante de seu trabalho. Este último informou-o que além dos nomes populares “tariira-boia” e “pirarucu-boia” também eram empregadas as abreviaes “boia” e “cobra” e que as denominaes tinham origem no medo dos pescadores nativos de que a *L. paradoxa* mordida fortemente e possuía veneno (Goeldi, 1898b). O uso de epítetos indígenas e a meno ao medo dos pescadores nativos demonstra que ao redigir o texto o diretor incorporou em seu texto, ainda que indiretamente, os saberes de indígenas, ribeirinhos e outros sujeitos subalternizados.

No mesmo artigo, Goeldi relata um interessante episódio envolvendo a musealizao⁸ do primeiro exemplar vivo de *Lepidosiren* obtido pelo Museu Paraense em 1897, motivo de grande orgulho para o zoólogo suo e a instituio. Em abril de 1897, conforme contou o próprio Emílio Goeldi, ele recebeu a notícia de que o deputado Lourenzo V. do Couto trouxe de bidos um peixe vivo “raro” reservado ao MP (Goeldi, 1898b, p. 418). Então, o diretor do museu enviou um dos “tratadores nativos” do museu para buscar o espécime. Ao encontrar o tratador, o diretor inquiriu-lhe que tipo de peixe havia trazido, obtendo a resposta ser aquele um “poraquê” (*Electrophorus electricus*), peixe-elétrico da Amazônia. Segundo relatou posteriormente, Goeldi

8 Conforme Desvalles e Mairesse (2013, p. 57), o processo de musealizao  entendido como “extrao, física e conceitual, de uma coisa do seu meio natural ou cultural de origem” que opera “uma mudança do estatuto do objeto”. E “uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo”. Loureiro (2007, p. 7) destaca também a metamorfose do objeto em documento durante a musealizao, caracterizada como um “conjunto de aes que envolvem a separao/deslocamento do contexto original e a privao das funes de uso de certos objetos, os quais passam a desempenhar a funo de documentos”.

confiou na informação de funcionário e mandou-o colocar o peixe recém-chegado com outros poraquês, mas achou estranho que um animal, como o poraquê, tão facilmente encontrado em qualquer igapó ao redor de Belém, fosse considerado raro e merecedor de ser trazido de Óbidos. Essa confusão prosseguiu por quase um mês até ser descoberto, nas palavras de Goeldi, de maneira surpreendente: “qual não foi minha surpresa quando, um dia, descobrimos que o suposto ‘poraquê’ era, na verdade, uma *Lepidosiren paradoxa*!” (Goeldi, 1898b, p. 418). Logo após percebido o engano, o peixe pulmonado foi para um aquário separado no prédio do museu, onde ficou sob constante observação do diretor.

A prática do colecionamento da história natural é intrincada, uma vez que envolve uma multiplicidade de atores, culturas e conhecimentos que se encontram, se entrelaçam, circulam e se transformam. Nesse processo, mesmo não sendo a intenção dos agentes envolvidos, podem ocorrer falhas de comunicação e dificuldades logísticas. Isso significa que coletores podem inadvertidamente machucar os animais durante a coleta; espécimes podem ser extraviados ou deteriorados durante o transporte; rótulos errôneos podem ser atribuídos aos espécimes, resultando em confusão ou, pior ainda, eles podem ser alojados em jaulas ou aquários inadequados. O episódio narrado anteriormente aponta a movimentação e transformação dos saberes, bem como as confusões e dificuldades no processo de musealização da coleção viva de animais.

Os saberes e a participação dos habitantes locais permeiam todo o episódio da chegada do primeiro exemplar vivo de *Lepidosiren* ao museu, mesmo que não seja evidentemente tratado por Emílio Goeldi. Primeiramente, é importante mencionar que na coleta atribuída ao deputado Couto não há menções que explicitem acerca da atuação de outros trabalhadores na coleta, apesar da possibilidade da participação deles nessa tarefa. O papel do deputado, por outro lado, é de suma importância, pois foi ele que conferiu ao peixe enviado de Óbidos a distinção de “raro”. Isso denota sua leitura dos textos de Goeldi, nos quais provavelmente tomou conhecimento do interesse do museu por esse animal, além de demonstrar seu profundo conhecimento da fauna local.

Foi a designação de “raro” atribuída por Couto que despertou a atenção de Goeldi para o equívoco cometido pelo tratador e, por conseguinte, possibilitou a preservação do exemplar vivo de *Lepidosiren*. Acerca do funcionário não nomeado, o uso do adjetivo “nativo” (originalmente *native keeper*) para definir o tratador não nos parece arbitrária. Em nossa análise do caso, podemos perceber que o diretor do Museu Paraense objetivava frisar a origem local desse indivíduo e, por extensão, os saberes que ele possuía sobre a região e sua fauna. Dessa forma, Goeldi, que também era responsável pela seção de zoologia do museu, justificava a sua falha ao reconhecer sua confiança na experiência e no conhecimento local do tratador.

Três meses após a publicação do primeiro, Goeldi enviou outro trabalho para a Sociedade Zoológica de Londres, que em conjunto com o artigo anterior, fornecem um relato das circunstâncias da coleta e dos participantes da rede científica. Nesse segundo trabalho, intitulado “*Further notes on the Amazonian Lepidosiren*”, o diretor do museu destacou assuntos diversos sobre a piramboia e insistiu na exigência de estudos biológicos do peixe pulmonado – em especial a comparação com as demais espécies de Dipnoi, como o *Propterus*, sobre o período de letargia durante a estação seca – e teceu alguns comentários sobre o exemplar que mantinha vivo no Museu Paraense (Goeldi, 1898a).

Ele analisou ainda a alimentação e as mudanças morfológicas do peixe surgidas a partir da vida em cativeiro, particularmente o surgimento anormal dos apêndices anteriores, com

funções respiratórias. Goeldi julgou que essa anomalia era produzida “principalmente pela necessidade de aumentar a superfície respiratória durante a vida em um pequeno aquário” (Goeldi, 1898a, p. 855, tradução nossa). De acordo com ele, a *Lepidosiren paradoxa* parecia ter a habilidade de desenvolver a respiração pulmonar e branquial a fim de assegurar energia em quantidades apropriadas.

Segundo Sanjad (2010), ao lançar a hipótese, o diretor reforçava a corrente de zoólogos que compreendiam a *Lepidosiren* mais como um anfíbio do que exatamente um peixe e fortalecia a unidade da lei biogenética de Heckel – tanto que advogou que as mesmas condições externas de vida produziram naturalmente funções fisiológicas idênticas e, assim, possibilitariam modos análogos de organização. E ainda prossegue o historiador, “em outras palavras, Goeldi pretendia remover a ‘contradição aparente’ que existia entre ordem sistemática, funções fisiológicas e organização interna da *Lepidosiren*” (Sanjad, 2010, p. 285). No entanto, suas ideias esbarravam na necessidade de outros testes com animais em cativeiro e da descrição completa do ciclo de vida do peixe, até ali desconhecido.

Após os dois trabalhos na publicação inglesa, Emílio Goeldi não se dedicou mais às pesquisas biológicas a respeito da *L. paradoxa*. De acordo com Sanjad (2010), as razões para o desinteresse após 1898 são os problemas climáticos que dificultaram as pesquisas em campo em 1897 e 1898 e a perda da dianteira nas pesquisas acerca da *Lepidosiren* para o embriologista escocês John Graham Kerr (1859-1957) a partir de 1899. Nesse ano, enquanto o diretor tratava de sua saúde debilitada e se envolvia em questões ligadas ao Contestado Franco-Brasileiro na Europa, o embriologista escocês engrenou uma sequência de trabalhos sobre o animal, tornando-se amplamente conhecido por suas pesquisas sobre os peixes pulmonados. Ao resenhar um dos artigos de Kerr, Goeldi (1902, p. 592) não deixou de manifestar o seu empenho e interesse no “esclarecimento completo da história natural do *Lepidosiren* amazônico”, mas também registrou o fato de ter perdido a corrida da descrição do ciclo de vida do animal, conforme se lê abaixo:

O Dr. J. G. Kerr tomou-nos a dianteira com a elucidação da história evolutiva da *Lepidosiren*, que – mais cedo ou mais tarde – teria nos sido reservada aqui no vale amazônico, temos o direito de dizel-o. O autor parece que sentia também, pois não será por ahi que deve-mos procurar a explicação de amável pressa, que se deu em remetter-nos logo o seu bello trabalho? – Nem por isso lhe queremos mal; felicitamol-o sinceramente pelo glorioso sucesso! (Goeldi, 1902, p. 592-593).

O trabalho de Kerr, sem dúvidas, gerou descontentamento no diretor do museu. Primeiro, ao perceber que havia perdido a dianteira nas pesquisas biológicas sobre a *Lepidosiren*, o que, conseqüentemente, causava ao museu uma relativa perda de espaço nas discussões e intercâmbios internacionais. Além do mais, há uma irritação pessoal de Goeldi por ter perdido uma agenda de pesquisas que julgava ser um mérito seu, não obstante os trabalhos de Kerr sobre os peixes pulmonados seguirem uma agenda de investigação proposta por Lankester ainda em 1896 (Sanjad, 2010). De qualquer modo, até mesmo as hipóteses acerca apêndices branquiais e a reclassificação da piramboia que o diretor levantou, foram posteriormente refutadas por George Albert Boulenger (1898) e pelos trabalhos posteriores do embriologista escocês, o que contribuiu, certamente, para o desinteresse em continuar a estudar a espécie.

Nos dois anos seguintes, outros funcionários do museu saíram em expedição para o Cabo Maguari. Entre setembro e outubro de 1897, Hermann Meerwarth, auxiliar de zoologia, viajou

para fazenda Dunas, provavelmente para reunir informações a respeito da *Lepidosiren* e coletar exemplares, além de coletar outros animais (Goeldi, 1900b). Um ano depois, Meerwarth e o preparador⁹ de zoologia, não nomeado no relatório,¹⁰ excursionaram a mesma região, presumivelmente com o mesmo interesse das visitas anteriores (Huber, 1901). No entanto, como já adiantado, as condições climáticas inundaram as áreas nas quais a *Lepidosiren* vivia, impossibilitando a realização das observações sobre a letargia do animal. Goeldi detalhou os problemas climáticos e naturais enfrentados:

Parece que o período crítico (presumivelmente causado por agentes cósmicos), que regularmente traz seca excessiva para o Ceará e alguns dos estados vizinhos do norte do Brasil, e inundações excepcionais ao Baixo Amazonas, está se aproximando novamente ou já começou. O fato é que o nível da água no Marajó e no Baixo Amazonas, em todas as localidades onde são capturados espécimes de *Lepidosiren*, foi consideravelmente mais alto em 1897 do que o normal, e os prados de papiro, que, pelo menos parcialmente, secam em anos normais, permaneceram submersos durante todo aquele ano. O mesmo fato se repete neste ano de 1898 – o verão no Pará começou apenas em meados de junho, pelo menos um mês depois da época habitual (Goeldi, 1898a, p. 853, tradução nossa).

Assim como outrora haviam contribuído, o espaço e as suas condições naturais afetaram decididamente o andamento das pesquisas do Museu Paraense, prejudicando qualquer intento de estudar o ciclo de vida do animal e da sua habilidade de estivar nas estações secas. David N. Livingstone, geógrafo irlandês, inicia o seu livro *Putting science in its place* (2003, p. 1, tradução nossa) questionando o leitor se “a localização do esforço científico pode fazer alguma diferença para a condução da ciência? E, ainda mais importante, pode afetar o conteúdo da ciência?”. Na opinião do geógrafo, a resposta para essas perguntas é sim. Livingstone é um dos pesquisadores da história da ciência que compreendem a ciência como “uma formação cultural inserida em redes mais amplas de relações sociais e poder político, e moldada pelos ambientes locais nos quais seus praticantes realizam suas tarefas” (Livingstone, 2002, p. 236, tradução nossa). O caso do Marajó descrito anteriormente ilustra de maneira nítida o papel essencial do lugar na edificação e na reconfiguração da ciência (Naylor, 2005; Livingstone, 2003).

Apesar dessa adversidade, os esforços para estudar o animal trouxeram um benefício, conforme registrado por Goeldi: “eu consegui mais duas espécimes do singular Dipnoan, ambos ilesos, embora inanimados” (Goeldi, 1898a, p. 853). Um dos exemplares conseguiu sobreviver algumas poucas horas após a captura, porém não resistiu ao traslado até Belém. Esses exemplares foram coletados no mesmo local no qual o museu obteve seu primeiro exemplar, enviado ao Museu Britânico: “a fazenda Dunas, Cabo Magoary, uma propriedade pertencente ao Dr. Vincent Chermont de Miranda, engenheiro civil. O local exato fica distante apenas meia hora do prédio da fazenda”. Os envolvidos e as circunstâncias dessa coleta não constam no relato de

9 Segundo Sanjad et al. (2012, p. 212), o termo preparador era recorrentemente utilizado para designar herboristas e taxidermistas. Isto é, dizia respeito aos “profissionais responsáveis pela montagem de exsiccatas (plantas secas fixadas em cartolinas) e pela extração e preservação de peles, esqueletos e outras estruturas orgânicas de animais, bem como de sua montagem para exibição pública, simulando movimentos e poses naturais”.

10 De acordo com o relatório de 1898, Ernest Clément, Joseph Schömann ou João Baptista de Sá são descritos, respectivamente, como primeiro, segundo e terceiro preparadores da Seção de Zoologia do Museu Paraense (Huber, 1901). Em função da não citação do nome ou da posição hierárquica do preparador, não foi possível identificar qual deles viajou com Hermann Meerwarth na expedição de 1898 ao Cabo Maguari.

Goeldi, assim como em outras fontes datadas desse período. Entretanto, mais uma vez, podemos conjecturar o envolvimento dos trabalhadores de Miranda na captura dos dois animais.

Entre 1894 e 1899, os funcionários e colaboradores do Museu Paraense realizaram o total de 16 expedições documentadas ao arquipélago do Marajó, a maioria teve como destino o Cabo Maguari. A fazenda Dunas, por seu turno, ostentou um registro considerável de visitas de quadros da instituição. Tal fenômeno se deveu ao proprietário, Vicente Chermont de Miranda, que, para além de franquear as portas da propriedade aos funcionários da instituição, oferecia uma “hospitalidade cavalheira, com que sempre costuma[va] receber os emissários do Museu” (Goeldi, 1900a, p. 45).

A rede de conhecimento que entrelaçava o Museu Paraense e Vicente Chermont não se desfez após as expedições de 1896, ano da segunda e última excursão de Emílio Goeldi ao Marajó. Pelo contrário, essa rede permaneceu por alguns anos. Hermann Meerwarth, o auxiliar de zoologia, juntamente com os demais funcionários do museu, enredou-se nesse *continuum* de relações já estabelecidas, nutrindo os vínculos com os “patronos” do MP. Vicente Chermont de Miranda manteve-se engajado no suporte às expedições, fornecendo apoio logístico nas excursões a campo, trocando informações, servindo de mediador cultural – intermediando trocas entre seus trabalhadores e os funcionários do museu – e, naturalmente, disponibilizando a sua fazenda Dunas como espaço para os estudos e coletas relacionados à *Lepidosiren paradoxa*. Chermont por mais alguns anos continuou enviando ao Museu Paraense espécimes coletados no Marajó, não só relacionados ao mencionado peixe pulmonado.

Considerações finais

Conforme examinado ao longo deste trabalho, as relações de patronato estabelecidas entre o Museu Paraense e membros da elite paraense, juntamente com a participação dos vaqueiros, desempenharam papel crucial na construção do conhecimento sobre o peixe pulmonado. As relações firmadas entre o museu de história natural localizado em Belém e figuradas como o proprietário de terras Vicente Chermont de Miranda, o senador Manuel Francisco Machado, o deputado Lourenzo Valente do Conto e o então diretor de Instrução Pública do Estado do Pará Augusto Olympio proporcionaram à instituição acesso a espécimes raros e saberes sobre o aludido animal, assim como suporte logístico durante as expedições de coleta. Além disso, é crucial ressaltar que o acesso a exemplares e conhecimentos vinculados ao peixe pulmonado permitiu aos funcionários do MP e seus colaboradores participarem de discussões e redes de intercâmbio científico internacionais. Essa possibilidade, por sua vez, somente se concretizou devido ao empenho e participação indispensável dos trabalhadores subalternizados, responsáveis pela coleta dos exemplares e pela disseminação dos saberes tradicionais amazônicos. Esses sujeitos foram relegados a uma posição secundária ou até mesmo apagados ao longo das investigações científicas sobre *L. paradoxa*.

A participação ativa dos habitantes locais e das intrincadas redes de conhecimento na formação dos saberes não se deu apenas no caso da *Lepidosiren paradoxa*. Ao contrário, os sujeitos amazônicos, as complexas relações de patronato e as densas redes desempenharam papel fundamental na implementação para a execução do programa científico concebido por Emílio Goeldi para o Museu Paraense. Essas relações e redes, muitas vezes, perduraram ao

longo do tempo, sendo habilmente exploradas pelos pesquisadores e colaboradores em suas subsequentes investigações acerca da fauna, flora e cultura material amazônicas.

Ao mudarmos o foco de nossas análises para o campo de pesquisa e outros espaços de contato intercultural e de produção de conhecimento, para além dos limites de gabinetes, laboratórios e muros institucionais, compreendemos de maneira mais aprofundada a importância e as múltiplas formas de atuação de distintos sujeitos históricos no processo de formação do conhecimento a respeito da *Lepidosiren paradoxa*, um dos peixes amazônicos de maior interesse para a ciência no final do século XIX, assim como sobre outros animais, plantas e povos indígenas da Amazônia.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, V.S.; GONÇALVES, M.S. A opinião pública ou as opiniões públicas? A complexidade da imprensa brasileira na segunda metade do oitocentos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL NO SÉCULO XIX, Londrina, 2016. *Anais [...]* Londrina: Sociedade Brasileira de Estudos dos Oitocentos, 2017. p.1-10.
- ÂNGELO, H.B.P. *O longo caminho dos Corrêa de Miranda no século XIX: um estudo sobre família, poder e economia*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- ANÔNIMO. Nota sobre a comunicação de E. Goeldi à Zoological Society of London, tratando da *Lepidosiren paradoxa*, no dia 14 de dezembro de 1897. *Proceedings of Zoological Society of London for the Year 1897*, p. 921, 1897.
- ANTUNES, A.P. *Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2019.
- ANTUNES, A.P. Saberes locais e a formação de coleções de história natural nas expedições científicas do Oitocentos. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 55, p. 1-18, 2021.
- ANTUNES, A.P.; MASSARANI, L.; MOREIRA, I.C. Contributions of Amazonian natives to natural history expeditions (1846-1865). *Historia Crítica*, n. 73, p. 137-160, 2019.
- BELL, J. Circuits of accumulation and loss: intersecting natural histories of the 1928 USDA New Guinea Sugarcane Expedition's collections. In: DRIVER, F.; NESBITT, M.; CORNISH, C. (orgs.). *Mobile museums: collections in circulation*. Londres: UCL Press, 2021. p. 71-95.
- BEUGNOT, B. La figure de Mécenas. In: MOUSNIER, R.; MESNARD, J. (eds.). *L'âge d'or du mécénat (1598-1661)*. Paris: Editions du CNRS, 1985.
- BIAGIOLI, M. *Galileo Courtier: the practice of science in the culture of Absolutism*. Chicago: Chicago University Press, 1993.
- BOULENGER, G.A. Nota sobre "Futher Notes on the Amazonian *Lepidosiren*", de E.A. Goeldi. *Proceedings of the Zoological Society of London for the Year 1898*, p. 857, 1898.
- BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. Trad. Denice Barbara Catani e Afrânio Mendes Catani. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 65-71.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. In: BOURDIEU, P. *O senso prático* Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 187-202.
- CAMERINI, J. Wallace in the field. *Osiris*, 2nd series, v. 11, p. 44-65, 1996.

- CANCELA, C.D. *Casamento e família em uma capital amazônica*. Belém: Açai, 2011.
- CANCELA, C.D. Famílias de elite: transformação da riqueza e alianças matrimoniais. Belém 1870-1920. *Topoi*, v. 10, n. 18, p. 24-38, 2009.
- COELHO, L.M.P.S.; SAWAYA, P. Fisiocologia de Tambaky M'Boya – *Lepidosiren paradoxa* (Fitzinger) da Amazônia (peixe-dipnoico) – estrutura do tegumento. *Boletim de Zoologia e Biologia Marinha*, v. 29, n. 29, p. 65-118, 1972.
- COELHO, M.C. *Objetos entre contextos e significados: as coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi entre 1894 e 1905*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.
- CONCEIÇÃO, A. No Curiri. *O Pará*, Belém, p. 1, 4 mar. 1898.
- DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F.. *Conceitos chave da museologia*. Paris: Armand Colin; Icom, 2013.
- DOMINGUES, A.; ALVES-MELO, P. Iluminismo no mundo luso-brasileiro: um olhar sobre a 'Viagem filosófica à Amazônia', 1783-1792. *Ler História* [online], n. 78, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ler-historia/7879>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- FERRÃO, E.S. *Vaqueiros, compadres, criadores de gado e transformações nos campos do Marajó: relações sociais em mudança*. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- GARCÍA, S.V. Tras las huellas de la lepidosirena: animales paradójicos e investigaciones embriológicas en el siglo XIX. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 176-188, 2016.
- GOELDI, E. Carta de Emílio Goeldi a Lauro Sodré. Belém, 24 de julho de 1895. Fundo MPEG, Gestão: Emílio Goeldi, Série: Correspondência ativa. Belém: Arquivo Guilherme de La Penha/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1895a.
- GOELDI, E. Instruções praticas sobre o modo de coligir produtos da natureza para o Museu de Historia Natural e Ethnographia (conclusão). *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém, v. 1, n. 3, p. 239-256, 1895b.
- GOELDI, E. Relatório apresentado pelo director do Museu Paraense ao Sr. Dr. Lauro Sodré, governador do estado do Pará. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém, v. 1, n. 3, 1895c.
- GOELDI, E. *A Lepidosiren paradoxa*; descoberta na Ilha de Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 1, n. 4, p. 438-443, 1896.
- GOELDI, E. "Lepidosiren paradoxa". *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 2, n. 2, p. 247-250, 1897a.
- GOELDI, E. Relatório apresentado pelo Director do Museu Paraense ao Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará. *Boletim do Museu Paraense de História natural e Etnografia*, v. 2, n. 1, p. 1-27, 1897b.
- GOELDI, E. Further notes on the Amazonian Lepidosiren. *Proceedings of the Zoological Society of London for the Year 1898*, p. 852-858, 1898a.
- GOELDI, E. On the *Lepidosiren* of the Amazons: being notes on five specimens obtained between 1895-1897, and remarks upon an exemple living in the Pará-Museum. *Transactions of the Zoological Society*, v. 14, parte 2, p. 413-420, 1898b.
- GOELDI, E. Discurso proferido pelo Director do Museu por ocasião da instalação da Sociedade Zeladora do Museu Paraense em 6 de novembro de 1896. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, Belém, v. 2, n. 2, p. 111-114, 1900a.
- GOELDI, E. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. José Paes de Carvalho, governador do estado do Pará, pelo director do Museu Paraense. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém, v. 3, n. 1, p. 1-53, 1900b.
- GOELDI, E. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Paes de Carvalho, governador do estado do Pará, pelo director do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia. Anno de 1899. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém, v. 3, n. 2, p. 105-134, 1901.
- GOELDI, E. Bibliographia. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém, v. 3, n. 3-4, p. 580-606, 1902.

- GUALTIERI, R.C.E. *Evolucionismo no Brasil: ciências e educação nos museus, 1870-1915*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.
- GÜNTHER, A. Capture of a specimen of “*Lepidosiren*” in the River Amazons. *Nature*, v. 54, p. 270, 1896.
- HEMMING, J. *Frenteira amazônica: a derrota dos índios brasileiros*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: EdUSP, 2009.
- HUBER, J. Apontamentos sobre o movimento do Museu Paraense no anno de 1898. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 3, n. 2, p. 99-104, 1901.
- LIMA, C.O. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia Oitocentista: viagem, ciência e interações*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- LIVINGSTONE, D.N. Reading the heavens, planting the Earth: cultures of British Science. *History Workshop Journal*, n. 54, p. 236-241, 2002.
- LIVINGSTONE, D.N. *Putting science in its place: geographies of scientific knowledge*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- LOPES, M.M. *O Brasil descobre a pesquisa científica*. Brasília: Editora UnB, 2009.
- LOPES, M.M.; HEIZER, A.L. Bonpland, Saint-Hilaire e o *Megatherium* nas coleções de cartas de Dâmaso Antonio Larranaga (1771-1848). In: LOPES, M.M.; HEIZER, A.L. (orgs.). *Colecionismos, práticas de campo e representações [online]*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p.13-30.
- LOUREIRO, M.L.N.M. Fragmentos, modelos, imagens: processos de musealização nos domínios da ciência. *Datagrama: Revista da Ciência da Informação*, v. 8, n. 2, pag. irregular, 2007.
- MADRUGA, C. “Authentic provenance”: locality and colonial collecting for the Lisbon Zoological Museum, 1860s-1880s. *Journal for the History of Knowledge* 3, v. 1, n. 11, p. 1-13, 2022.
- MARAJÓ, Abreu, J.G., barão de. Discurso proferido pelo Exmo. Dr. Barão de Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 2, n. 2, p. 114-120, 1900.
- MEIRA, M. *A persistência do aviamento: colonialismo e história indígena no Noroeste Amazônico*. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MESNARD, J. Le mécénat scientifique avant l’Académie des Sciences. In: MOUSNIER, R.; MESNARD, J. (eds.). *L’âge d’or du mécénat (1598-1661)*. Paris: Editions du CNRS, 1985.
- MIRANDA, V.C. Marajó. *Revista da Sociedade de Estudos Paraenses*, Belém, v. 2, n. 1-2, p. 75-80, 1895.
- MIRANDA, V.C. Os campos de Marajó e sua flora: considerados sob o ponto de vista pastoril. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 5, n. 1-2, p. 96-151, 1908.
- MOTA, I.F. Os historiadores, o mecenato e o clientelismo: autonomia e dependência (1700-1750). *Revista de História das Ideias*, v. 19, p. 471-493, 1998.
- NAYLOR, S. Introduction: historical geographies of science – places, contexts, cartographies. *British Journal of History of Science*, v. 38, n. 1, p. 1-12, 2005.
- RAJ, K. *Relocating and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- RAJ, K. Além do pós-colonialismo e pós-positivismo: circulação e a história global da ciência. Trad. Juliana Freire. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 164-175, 2015.
- RAJ, K. Networks of knowledge, or spaces of circulation? The birth of British cartography in colonial south Asia in the late eighteenth century. *Global Intellectual History*, v. 2, n. 1, p. 49-66, 2017.
- RUELLET, A. *La Maison de Salomon: histoire du patronage scientifique et technique en France et en Angleterre au XVIIIe siècle*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2016.
- SÁ, M.R. O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século

- XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, supl., p. 899-924, 2001.
- SANGLARD, G.P. *Entre os salões e o laboratório: filantropia, mecenato e práticas científicas: Rio de Janeiro, 1920-1940*. 2005. Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.
- SANJAD, N. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.
- SANJAD, N. Nimuendajú, a Senhorita Doutora e os “etnógrafos berlinenses”: rede de conhecimento e espaços de circulação na configuração da etnologia alemã na Amazônia no início do século XX. *Asclepio*, v. 71, n. 2, p. 273-297, 2019.
- SANJAD, N.; OREN, D.C.; SILVA JUNIOR, J.S.; HOOGMOED, M.S.; HIGUCHI, H. Documentos para a história do mais antigo jardim zoológico do Brasil: o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 7, n. 1, p. 197-258, 2012.
- SANJAD, N.; XIMENES, C. Intertextuality and knowledge translation in travel reports: the Capim River and its inhabitants in the narratives of Alfred Russel Wallace (1849), João Barbosa Rodrigues (1874?1875) and Emil Goeldi (1897). *Rodriguesia*, v. 73, p. e00512022, 2022.
- SCHAFFER, S.; ROBERTS, L.; RAJ, K.; DELBOURGO, J. (eds.). *The brokered world: go-betweens and global intelligence, 1770-1820*. Sagamore Beach: Science History Publications, 2009.
- SILVA, F.H.T. *Nos currais da Belle Époque: os contratos da obra do matadouro e do abastecimento de carne verde em Belém (1885-1912)*. 2017. 327f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SNETHLAGE, E. Carta de Emilia Snethlage a Theodor Koch. Pará, 16 mar. 1910. NTKG, Pasta A8. Transcrição Rotger Snethlage. Philipps-Universität Marburg, Fachgebiet Kultur- und Sozialanthropologie Völkerkundliche Sammlung, Nachlass Theodor Koch-Grünberg. Marburg: Philipps-Universität Marburg, 16 mar. 1910.
- SNETHLAGE, E. Carta de Emilia Snethlage a Eduard Seler. Pará, 17 de março de 1914. Ethnologisches Museum Berlin, Archiv, E 231/14, E 979/14, E 383/15, Acta betreffend die Erwerbung ethnologischer Gegenstände aus Amerika, v. 38, Pars IB. Transcrição Beatrix Hoffmann. Trad. João Batista Poça da Silva e Nelson Sanjad. Berlin: Ethnologisches Museum, 17 mar. 1914.
- SODRÉ, L. Regulamento do Museu Paraense, 2 de julho 1894. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Belém, v. 1, n. 1, p. 22-27, 1894.
- VERÍSSIMO, J. Discurso pronunciado por José Veríssimo, diretor-geral da Instrução Pública perante o governador do estado, capitão-tenente Bacellar Pinto Guedes, por ocasião de se inaugurar o museu, restaurado em 13 de maio de 1891. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 1, n. 1, p. 5-8, 1894.
- WEINSTEIN, B. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec; EdUSP, 1993.

Recebido em 17/11/23

Aceito em 17/06/24